

*O matrimônio do general Kurt von Hammerstein-Equord foi abençoado com sete filhos, quatro moças e três rapazes. Este relato trata dele e de sua família.*

## UM DIA DIFÍCIL

Como toda manhã, em 3 de fevereiro de 1933 o general deixou seus aposentos na ala leste do Bendlerblock pontualmente às sete horas. Não tinha que andar muito até o gabinete, que ficava no andar de baixo. Ali, naquela mesma noite, deveria sentar-se para conversar com um certo Adolf Hitler. Quantas vezes já o encontrara? Deve tê-lo visto já no inverno de 1924/25 na casa do fabricante de pianos Edwin Bechstein, que ele conhecia havia muito. É o que diz seu filho Ludwig. Hitler não teria causado maior impressão em seu pai. Ele o descreveu então como um doidivanas, se bem que um doidivanas habilidoso. A sra. Helene Bechstein fora desde sempre uma grande admiradora de Hitler. Além de financiá-lo durante seus anos em Munique - falava-se de empréstimos e joias -, ela o introduzira ao que julgava ser a boa sociedade. Dava grandes jantares para Hitler, para apresentá-lo a amigos influentes, e lhe ensinara como manejar os talheres à mesa, quando e como beijar a mão de uma senhora, como envergar um fraque.

Alguns anos mais tarde, em 1928 ou 1929, Hitler foi ter com o general na residência deste na Hardenbergstrasse, não muito longe da estação Zoologischer Garten, presumivelmente para sondar o que o Estado-Maior pensava a seu respeito. Franz von Hammerstein, que na época tinha sete ou oito anos, recorda como o pai recebeu a visita: "Sentaram-se na varanda e conversaram. A opinião do meu pai sobre aquele homem: ele fala demais, e de modo muito confuso. Deu-lhe de ombros. Mesmo assim, Hitler não desistiu dele e lhe enviou uma assinatura gratuita de uma revista nazista".

O terceiro encontro aconteceu em 12 de setembro de 1931, na casa de um certo sr. Von Eberhardt, por insistência de Hitler, que a essa altura liderava o segundo partido mais forte da Alemanha. "Hammerstein disse por telefone a seu amigo [e então ministro da Defesa] Schleicher: 'O figurão de Munique quer falar conosco'. Schleicher respondeu: 'Infelizmente não posso'. "A reunião durou quatro horas. Na primeira, Hitler falou sem parar, até que Hammerstein fez uma observação; nas restantes, discutiram; e por fim Hammerstein - segundo esse sr. Von Eberhardt - teria declarado: "Queremos ir mais devagar. De resto, somos da mesma opinião". Ele de fato fez tal declaração? Seria um indício das ambivalências profundas dessa época de crise, à qual nem mesmo as cabeças mais atiladas estavam imunes.

Depois dessa conversa, Schleicher teria perguntado a Von Eberhardt: "Que você acha desse Hitler?". "Embora muito do que ele diz seja inaceitável, não há maneira de contornar um homem que tem o apoio das grandes massas." "O que eu vou fazer com esse psicopata?", teria respondido Schleicher, então major-general e um dos políticos mais influentes do país.

Menos de um ano depois, o "psicopata" dominava a Alemanha. Em 3 de fevereiro de 1933, reuniu-se pela primeira vez com a cúpula das Forças Armadas para expor seus planos e, se possível, conquistá-la. O anfitrião da noite foi o general Kurt *Freiherr* von Hammerstein-Equord.

Na ocasião, tinha 54 anos de idade e parecia ter chegado ao ápice da carreira. Já em 1929, como major-general, fora nomeado chefe do departamento de tropas, termo sob o qual se camuflava o Estado-Maior das Forças Armadas - que, pelo Tratado de Versalhes, não podia existir. Um ano depois, fora promovido a general e a comandante do Exército, o cargo mais alto do Exército alemão. A decisão fora muito polêmica. Os partidos de direita rechaçavam-no com veemência; censuravam-no por não ser "patriota" o bastante. No Ministério da Defesa, era chamado "o general vermelho", provavelmente por conhecer bem, por experiência própria, o Exército Vermelho. Ficava impressionado com a ligação estreita entre a tropa e as massas, em contraste com o completo isolamento político entre as Forças Armadas alemãs e as classes trabalhadoras. Ainda assim, era absurdo atacar Hammerstein como esquerdista, como fazia o *Völkischer Beobachter*; afinal de contas, ele era, por suas atitudes, um militar aristocrata da velha guarda. Numa reunião de comandantes

em fevereiro de 1932, ele se expressou inequivocamente: "Nossas convicções nos levam à direita, mas precisamos saber com clareza quem são os responsáveis pela catástrofe política de agora. Estou alfando dos líderes dos partidos de direita. São *eles* os culpados".

Um ano mais tarde, embora pudesse contabilizar uma carreira de sucesso, Hammerstein estava fundamentalmente farto de seu cargo.

## A CARREIRA EXEMPLAR DE UM CADETE

1888 Colégio militar de Plön  
1893 Colégio militar central de Berlim-Lichterfelde  
1898 Segundo-tenente no 3o. Regimento da Guarda em Berlim  
1905-07 Em Kassel  
1907 Academia de Guerra em Berlim  
1909 Primeiro-tenente  
1911 Na seção de logística do Estado-Maior Geral  
1913 Capitão no Estado-Maior

1913 Ajudante na Intendência-Geral  
1914 Comandante de companhia em Flandres  
1915 Primeiro oficial (operações) do Estado-Maior do VIII Corpo de Reserva  
1916 No Estado-Maior Geral  
1917 Major  
1918 Primeiro oficial (operações) do Estado-Maior do Comando-Geral  
1919 No Estado-Maior do Corpo Lüttwitz  
1919 No Estado-Maior do I Comando de Grupo em Berlim  
1920 Tenente-coronel  
1920 Comandante do Estado-Maior do II Comando de Grupo em Kassel  
1922 Comandante do 3o. Batalhão do 12o. Regimento de Infantaria em Magdeburg  
1924 Comandante do Estado-Maior da 3a.Divisão em Berlim  
1925 Coronel  
1929 Major-general, comandante do Estado-Maior do I Comando em Berlim  
1929 Tenente-general,comandante do departamento de tropas  
1930 General de infantaria, comandante do Exército

#### UM CLÃ DE LONGA DATA E UM CASAMENTO À ALTURA

Os barões Von Hammerstein são uma família muito ramificada que descende da velha nobreza da Vestfália e que, segundo o almanaque de Gotha, dividiu-se em duas linhagens e quatro ramos. Mil anos atrás, viviam na Renânia, onde ainda hoje, nas proximidades de Andernach, podem-se ver as ruínas de um castelo que leva seu nome; mais tarde, estiveram também em Hannover, na Áustria e em Mecklenburg. Encontram-se entre eles proprietários rurais, oficiais, conselheiros e guardas-florestais; as mulheres casavam-se à altura de sua condição ou terminavam a vida como freiras ou abadessas. O pai do general vivia como guarda-florestal em Mecklenburg-Strelitz. Mandou o filho para o colégio militar, ainda que o jovem, segundo consta, preferisse virar advogado ou comerciante de café em Bremen. Como o pai tinha mais dois filhos, mas nenhum recurso, não havia como financiar outro tipo de estudo. Não bastasse isso, o jovem Hammerstein era ocasionalmente convocado a prestar serviços de pajem na corte imperial em Potsdam, coisa que lhe agradava tão pouco quanto o treinamento militar. Já nesses anos de formação conheceu o futuro chanceler Kurt von Schleicher. Aos vinte anos, os dois receberam a patente de oficial e seguiram como tenentes para o 3o. Regimento da Guarda. A tropa gozava de muito prestígio; dela saíram vários generais e também, infelizmente, Paul von Hindenburg e seu filho Oscar.

Como preparação à Academia de Guerra, Hammerstein passou à Artilharia de Campanha em Karlsruhe. Viajou com todos os pertences em dois cestos de roupa, depois de leiloar o resto em seu antigo regimento. A decisão teria consequências de longo alcance para Hammerstein; pois em Karlsruhe, para onde se transferiu de caso pensado, ele reencontrou uma senhorita cujo pai, o barão Walther von Lüttwitz, era o comandante do Estado-Maior local. Ela se chamava Maria. Hammerstein conhecera-a já em 1904, em Berlim, e pôs todo o empenho em se casar com ela.

Lüttwitz vinha de uma família de funcionários e proprietários da velha nobreza da Silésia. Sobre sua esposa, uma certa condessa Von Wengersky, nascida na Hungria, dizia-se que tinha sangue cigano e que era em tudo diferente das mulheres alemãs; uma das antepassadas dela era a lendária dançarina Catarina Filippacci, que o rei da Saxônia mantinha em sua corte.

A vida em grande estilo que os Lüttwitz levavam em Berlim não dava mostras de tais extravagâncias. Na sociedade guilhermina com que conviviam, os Lüttwitz gozavam "do favor das duas majestades". As filhas tomavam aulas de dança, falavam francês fluentemente e eram preparadas com esmero para sua primeira temporada de bailes; isso valia em especial para Maria, a segunda filha, de quem se diz que "causava impressão e tinha muitos pretendentes". Não era raro haver cem convidados para uma dessas festas dançantes. Os convidados do sexo masculino pertenciam a boas famílias e bons regimentos.

Lüttwitz escreve em seu diário: "É claro que o tenente Kurt von Hammerstein frequentava nossa casa, em sua condição de velho camarada de regimento. Também jogava tênis com minhas duas filhas. De início, não percebemos que tinha se decidido por Mietze [Maria]. Mas aos poucos a coisa se tornou clara para nós, e, uma vez que, em nossa opinião, não havia ali meios para prover um matrimônio livre de preocupações materiais, fui franco com o pretendente quando ele veio até mim pedir a permissão. Pedi que renunciasse a sua intenção, ele compreendeu meus argumentos mas pediu para manter as relações sociais conosco, para que nada viesse à tona. Assenti; mas o resultado, como eu devia ter previsto, foi que o namorico seguiu adiante".

Maria von Hammerstein recorda: "Nós dois, Kurt e eu, nos conhecíamos desde o inverno de 1904. Ele me parecia mais sério e sereno que os outros, diferente das outras pessoas. Numa festa a fantasia, ele de húngaro e eu à moda de Estrasburgo, nós dançamos juntos um bom tempo. Eu sempre me sentia diferente quando estava com ele". Os dois tornaram a se encontrar no clube de tênis. "Na hora de voltar para casa, o sr. Von Hammerstein sempre carregava meus sapatos. Na festa de despedida, ele trouxe quatro garrafas de espumante. Em novembro nos encontramos de novo num bazar na Festhalle. Dancei numa fantasia de estatueta em porcelana de Sèvres, num traje branco, toda maquiada de branco.

Receava pelo nosso futuro."

Nada disso comoveu o sr. Von Lüttwitz. Ninguém queria oficiais pobres no Exército, muito menos na própria família. E Hammerstein não tinha dinheiro. Não podia levar para o casamento mais que uma pasta com a etiqueta: "Controle de dívidas". Foi somente quando um avô de Hammerstein decidiu cuidar do caso que o pai de Maria deixou de lado a resistência. Mas outro obstáculo deve ter pesado nas reservas deste último quanto ao casamento. A família Von Lüttwitz era estritamente católica, ao passo que Hammerstein, que aliás tinha pouco interesse por religião, fora batizado no protestantismo. Um casamento "misto" era tido como problemático nesses círculos. E a questão continuaria a ser fonte de todo tipo de irritação para os pais do casal, mas Kurt pôs-lhe fim com um decreto: "Além do mais", escreveu ele à mulher, "minha opinião é que os filhos devem ser batizados na fé da mãe, pois é esta que lhes ensina os fundamentos da religião. Todo o resto é puro falatório. Por mim, eles podem ficar de cabeça para baixo ou sapatear de raiva. Mas você não precisa entrar em polêmicas. Se alguém tiver alguma coisa para dizer, que se dirija a *mim*".

Apesar de todos os problemas, em 1907 uma cerimônia festiva foi celebrada em Karlsruhe. Dela nos chegou uma fotografia oficial. Muito embora o pai da noiva se queixasse de que a festa tivera que ser dada apenas "para um círculo mais íntimo", o grupo reunido parece bastante representativo. Muitos dos convidados, entre os quais o futuro chanceler Kurt von Schleicher, pertenciam à nobreza militar: os senhores condecorados em uniforme de gala, as senhoras em trajés brancos elegantes com chapéus fartamente adornados.

[...]